

Richard C. Osborn

DIRETORA EDITORIAL

Beverly J. Robinson-Rumble

DIRETOR ASSOCIADO

Enrique Becerra

ASSESSORES

C. Garland Dulan
Gerry D. Karst

REPRESENTANTES

Carlos Archbold
América CentralRoberto de Azevedo
América do SulRoberto Badenas
Euro-ÁfricaGordon Christo
Ásia do SulJohn M. Fowler
Associação GeralStephen Guptill
Ásia-Pacífico SulBarry Hill
Sul do PacíficoChiemela Ikonne
África-Oceano ÍndicoHudson E. Kibuuka
África OrientalGerald N. Kovalski
América do NorteHeriberto Muller
Euro-ÁsiaTommy Nkungula
África do SulMasayi Uyeda
Ásia-Pacífico NorteOrville Woolford
Europa do Norte

DIAGRAMAÇÃO

Glen Milam

A REVISTA DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA publica artigos sobre temas de interesse para os educadores adventistas. As opiniões dos colaboradores não representam necessariamente as idéias dos editores ou a posição oficial do Departamento de Educação da Associação Geral.

A REVISTA DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA é publicada pelo Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, EUA; telefone: (301) 680-5062; fax: (301) 622-9627.

Copyright © 2005 General Conference of Seventh-day Adventists.

A Fidelidade dos Membros do Conselho Escolar

Quando eu era diretor de escola de ensino médio, tinha pavor de gastar tempo em comissões, sem jamais imaginar que dentro de poucos anos minha função principal seria sentar-me em reuniões de comissão o dia inteiro! Como departamental de educação de uma união, precisei participar de reuniões de Conselho Escolar e Comissão Diretiva de oito escolas de ensino médio e duas de ensino superior. Como departamental de educação de uma divisão, participei como conselheiro de Comissões Diretivas de 15 escolas de ensino superior e universidades e dirigi sessões de treinamento para 10 dessas Comissões. Atualmente, como diretor de escola de ensino superior, supervisiono os planos para quatro reuniões de Comissão Diretiva por ano. Com o passar dos anos, percebi que na realidade gostava de assistir reuniões de Conselho e raramente olhava no relógio para ver quando terminariam.

Por que mudei minha atitude? Compreendi que assim como Deus nos fez mordomos na Terra, eu era um mordomo dEle ao participar das reuniões do Conselho. Ao assistir uma reunião dessa, sempre perguntava a mim mesmo:

– Se meus filhos freqüentassem esta escola, o que eu desejaria para eles?

Seis princípios bíblicos orientavam meu trabalho. Desejo partilhá-los com o leitor.

1. O Senhor edificou esta escola.

Em Salmo 127:1 (ARA) lemos: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam.” Quando os desafios financeiros ou do pessoal parecem irresistíveis, lembro-me de quem realmente estabeleceu a instituição e continua a guiar seu funcionamento.

2. Nosso propósito como Conselho é partilhar com os alunos as boas-novas do evangelho.

Em Joel 1:3 (ARA) a Bíblia nos instrui: “Narraí isto a vossos filhos, e vossos filhos o façam a seus filhos, e os filhos destes à outra geração.” Quando concentro minha responsabilidade como membro do Conselho em garantir que a “narração” continue entre gerações, oro para que Deus santifique meu serviço e o torne mais fiel ainda.

3. Como Conselho somos o corpo de Cristo.

Ser um membro eficiente de um Conselho é um dom espiritual. (Ver I Coríntios 12, ARA.) O corpo da igreja é uma unidade com muitas funções (verso 12), e uma delas é servir como membro do Conselho. Paulo salienta nos versos 25-27 que “não haja divisão no corpo” com cada membro tendo igual cuidado um do outro. Como membros do Conselho Escolar, somos o corpo de Cristo. Quando discordamos, sou confortado por saber que ainda assim podemos estar unidos.

4. Existe segurança nos Conselhos Escolares.

Provérbios 11:14 (NVI) nos relembra que: “Sem diretrizes a nação cai; o que salva é ter muitos conselheiros.” Quando penso nas decisões tomadas pelos Conselhos ou me inquieto porque as comissões gastam tanto tempo para chegar a

Continua na página 27

decisão já terá sido tomada.

Uma ferramenta essencial, mas geralmente ignorada é o orçamento de caixa. As saídas e entradas de caixa nunca ocorrem simultaneamente. O orçamento de caixa é uma estimativa cuidadosamente determinada com base na tabela semanal ou mensal de entradas e saídas de caixa para o ano. Isso permite ao tesoureiro investir o excesso de caixa quando não necessário e certificar-se de que esteja disponível se houver necessidade.

Conclusão

Os membros do Conselho Escolar são responsáveis pela operação financeira da escola. Apesar de serem instituições sem fins lucrativos, as escolas adventistas devem operar de modo rentável. Uma entidade que meramente acumula excesso de caixa a fim de vangloriar-se de seu aumentado valor não está operando de modo rentável. O motivo para operar de modo rentável deve ser realizar a missão da escola. Os lucros [superávit] permitem à escola melhor chance de atingir e expandir suas metas. Os lucros também podem ser usados para substituir ou consertar algum equipamento ou instalação desgastada, para oferecer bolsas de estudos aos alunos, para reservas operacionais, investimento em serviços ou projetos de evangelismo, e para investir no desenvolvimento profissional de professores, equipe de apoio e administração.

Dave C. Lawrence, M.B.A., é vice-diretor financeiro da La Sierra Adventist Academy [escola de ensino médio] em Riverside, Califórnia, EUA.



REFERÊNCIAS

1. *Understanding School Finance: California's Complex K-12 System* (Fevereiro 2000). Disponível em: <http://www.edsource.org>
2. Departamento de Educação da Divisão Norte-Americana, 31 de dezembro de 2003.
3. Warren E. Minder, "Budgets and Boards", *Journal of Adventist Education* 62:2 (Dezembro 1999/Janeiro 2000), págs. 29-32.
4. Ed Boyatt, "Boardmanship 101", *Journal of Adventist Education* 62:2 (Dezembro 1999/Janeiro 2000), pág. 5.
5. *Accounting Manual* [Manual de Contabilidade] da Divisão Norte-Americana (1997), pág. 201.04.
6. Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, edição com concordância bíblica abreviada, © 2001, Editora Vida.

Editorial

Continuação da página 3.

uma decisão, lembro-me de que quando as pessoas colaboram, suas decisões são geralmente mais sábias e melhor aceitas do que as de um líder autocrático. Isso não significa que todas as decisões dos Conselhos sejam corretas, mas na maioria das vezes as decisões feitas em colaboração são melhores do que as feitas por uma única pessoa.

5. Como membros do Conselho Escolar, somos chamados a ser líderes servos.

Jesus foi o mais importante líder servo do mundo. Em Marcos 10:43 e 44 (ARA) Ele adverte: "Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos." Podemos tomar nossas decisões com nítida humildade, lembrando-nos de que assim como Jesus serviu outros, nós também podemos ser líderes servos.

6. Somos mordomos de Deus e participantes da Criação.

Em seu livro *Good Stewardship: A Handbook for Seminary Trustees*, publicado em 1991 para a Association of Governing Boards, David L. McKenna sugere que nosso trabalho como membros do Conselho tem sua origem no relato bíblico da Criação, quando Deus deu ao ser humano a responsabilidade de mordomo de tudo o que havia criado. Sendo que Deus inspirou o estabelecimento de nossas instituições, é nosso dever servir como mordomos ou membros de seus Conselhos.

Quando considero estes seis princípios bíblicos de um membro de Conselho, compreendo que existe mordomia no função de membro de um Conselho Escolar.

Espero que ao ler este número especial da REVISTA DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA você possa encontrar renovada fidelidade sobre como conduzir sua atuação nos Conselhos.

Dr. Richard C. Osborn é Diretor do Pacific Union College em Angwin, Califórnia, EUA. Ele já atuou como professor e diretor de escola de ensino médio, departamental de educação de união e de divisão e acumulou milhares de horas de serviço aos Conselhos de várias instituições educacionais.

